

OS HERÓIS SE ARMAM PARA A GUERRA (*ILÍADA*, III, 328-338; XI, 15-48; XVI, 130-147; XIX, 367-395)

CAMILA ALINE ZANON*
Museu de Arqueologia e Etnologia
Universidade de São Paulo

Considerações iniciais

A tradução das quatro cenas de armamento descritas na *Ilíada* foi realizada com o intuito de proporcionar ao leitor um quadro mais preciso no que se refere às armas que o herói, particularmente, carrega para a batalha. Distintamente das cenas em que a massa de guerreiros se utiliza das armas ou nas suas breves descrições que se encontram alhures na *Ilíada*, as cenas de armamento fornecem elementos que compõem quase todo o arsenal do qual o herói dispõe.

Como se poderá perceber pela leitura da tradução proposta aqui, as fórmulas presentes nas quatro cenas foram mantidas para possibilitar a fruição do caráter formular de tais cenas, sem limitar essa característica da poesia homérica a uma mera (re)produção mecânica de fórmulas repetitivas desconsiderando a complexidade de suas variações. Apesar da seqüência de colocação das armas ser apresentada numa ordem quase ritualística nas quatro cenas (primeiro as cnêmides, depois a couraça, a espada, o escudo, o elmo e, finalmente, a lança) não se pode deixar de perceber as variações expressas pelas descrições particularizantes.

A escolha lexical para as peças do armamento foi pautada na maior precisão possível dos termos em relação ao uso que se faz da arma, em primeiro lugar; e, em segundo, ao termo vernacular que mais se aproxima da expressão utilizada por

* Graduada em Grego Clássico pela FFLCH/USP, mestranda em Arqueologia Clássica no Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE/USP), cuja dissertação, intitulada *A Ilíada e a Arqueologia*, é desenvolvida sob a orientação da Profa. Dra. Haiganuch Sarian e recebe o fomento da CAPES.

Homero. A partir das dificuldades impostas por essas escolhas, a tradução se fez em verso livre para que se evitasse ao máximo a preferência de um termo que se encaixasse num verso com pé métrico fixo em detrimento da precisão lexical.

Quanto à cultura material, os tipos de fontes podem ser divididos em três tipos, basicamente: as armas ou parte de armas encontradas, em geral, em contextos funerários; as representações de armas em suportes diversos; e as inscrições em Linear B.

As datas atribuídas a esses achados abrangem três períodos, o Micênico (que se estende do Heládico Recente II até o Heládico Recente IIIC; em termos numéricos, isso corresponde ao período entre 1550-1100 a.C.); o período que se convencionou chamar Idade Obscura ou, para utilizar um termo preferido pela bibliografia recente, Proto-Geométrico (1100-900 a.C.); e, finalmente, o Geométrico (900-700 a.C.), período em que se supõe a composição da *Ilíada* tal como a conhecemos hoje (mais precisamente, o final do século VIII a.C.).

Como se pode perceber, esse espectro temporal abrange quase mil anos de reminiscências e as relações ditas anacrônicas entre o texto homérico e os achados arqueológicos não é, senão, conseqüência do anacronismo inerente à composição homérica. Não há necessidade aqui de explicar que a *Ilíada* não é um retrato fiel de qualquer desses períodos (desde quando se espera que a poesia seja um retrato fiel da realidade?) e que a cultura material não pode ser tratada como um espelho da poesia homérica. O que o estudo da cultura material propõe, e o que eu tento expor nos comentários, é a possibilidade de compreender o conjunto de informações dispersas na *Ilíada* à luz dos documentos arqueológicos e vice-versa. O cotejo de ambos os tipos de fontes, arqueológica e textual, mais precisamente poética e de caráter oral, não deve ser tomado como uma tentativa de relacionar diretamente os achados à poesia, como o descobridor de Tróia, Heinrich Schliemann, fez ao atribuir o tesouro encontrado no interior dos muros da cidadela a Príamo e a máscara encontrada no interior do Círculo Tumular A, em Micenas, a Agamêmnon; mas possibilitar ao leitor de Homero, um vislumbre do universo possivelmente referido na *Ilíada*.

A brevidade dos comentários acerca das peças do armamento se deve ao decoro formal por se tratar de uma tradução comentada, não refletindo de maneira alguma a complexidade e abrangência do tema, cuja escrutinação extrapola o escopo da presente publicação.

Feitas essas considerações introdutórias, inicio a tradução e o subsequente comentário das passagens.

Traduções

1. Páris se arma para a vergonha (*Ilíada*, III, 328-338)

Então, reveste os ombros com as belas armas
divo Alexandre, esposo de Helena de belos cabelos.
As cnêmides, primeiro, em torno das pernas coloca,
belas, com ajustes de prata sobre os tornozelos;
em segundo, a couraça em torno do peito dispõe,
de seu irmão Licão, que perfeitamente lhe servia.
Nos ombros lança o gládio com cravos de prata,
brônzeo; em seguida, o escudo grande e maciço;
na cabeça firme, o elmo bem lavrado coloca,
crinado; terrível, empertiga a cabeça para trás;
apanhou a robusta lança, que suas palmas preenchia.

2. Agamêmnon se arma por segurança (*Ilíada*, XI, 15-48)

O Atrida, então, berrou ordenando a preparação
dos Argivos; e vestiu-se com o bronze faiscante.
As cnêmides, primeiro, em torno das pernas coloca,
belas, com ajustes de prata sobre os tornozelos;
em segundo, a couraça em torno do peito dispõe,
presente do anfitrião Ciniras, quando de sua visita.
Em Chipre, de grande fama gozavam os Aqueus
que para Tróia em naus pretendiam navegar,
assim sendo, em incentivo, ele presenteou o rei.
Nela havia dez listras de escuro ciano,
doze de ouro e vinte de estanho;
Serpentes de ciano envergavam o pescoço,
três, em cada lado, como os arco-íris que Cronos
lança nas nuvens, sinal de discórdia entre os homens.
Nos ombros lança o gládio, os cravos
em ouro brilhavam, os contornos da bainha
em prata ajustada às faixas em ouro.
Apanhou o escudo polidedáleo que o cobria inteiro,
belo; contornado por dez anéis de bronze,
neles, vinte ônfalos havia em estanho
claro brilho, em cujos centros havia o escuro ciano.
No interior, a Górgona lançava seu olhar atento

terrível, a todos os lados, envolta em Pavor e Temor.
Sua alça era de prata, sobre ela enrolava-se
uma serpente de ciano, contorcidas cabeças
havia três que surgiam de um único pescoço.
Na cabeça, o elmo de duas cimeiras e quatro cristas,
crinado; terrível, empertiga a cabeça para trás.
Apanhou dois robustos dardos, de pontas em bronze,
agudas; o bronze lampejante chegava até o céu
distante; então, Atena e Hera estrondaram em
honra ao rei de Micenas, rica em ouro.
Em seguida, a seu auriga requisita cada um
dos cavalos bem ordenados junto à trincheira.

3. Pátroclo se arma por amizade e lealdade (*Ilíada*, XVI, 130-147)

Assim falou. Cingiu-se Pátroclo de reluzente bronze.
As cnêmides, primeiro, em torno das pernas coloca,
belas, com ajustes de prata sobre os tornozelos;
em segundo, a couraça em torno do peito dispõe,
estrelada e multicolorida, do Eácida de rápidos pés.
Nos ombros lança o gládio com cravos de prata,
brônzeo; em seguida, o escudo grande e maciço;
na cabeça firme, coloca o elmo bem lavrado,
crinado; terrível, empertiga a cabeça para trás.
Apanhou os robustos dardos, que suas palmas preenchem;
a lança do nobre Eácida não apanha sozinho,
pesada, grande, maciça, maneja-la nenhum outro aqueu
conseguia, mas apenas Aquiles era capaz;
o freixo pelida a seu pai presenteou o amigo Quíron,
do ponto mais alto do Pélion, aos guerreiros fatal.
Os cavalos a Automedonte rapidamente atrelar ordenou,
a quem, somente depois de Aquiles, rompe-tropas, honrava
por ser fidelíssimo ao esperar a ordem de combate.

4. Aquiles se arma por ira e vingança (*Ilíada*, XIX, 367-395)

Imediatamente antes de investir contra os Troianos,
veste os dons do deus, que o hábil Hefesto forjou.
As cnêmides, primeiro, em torno das pernas coloca,
belas, com ajustes de prata sobre os tornozelos;

em segundo, a couraça em torno do peito dispõe,
nos ombros, lança o gládio com cravos de prata,
brônzeo; em seguida, o escudo grande e maciço
ergue, do qual o brilho irradia longe como a lua;
como quando o brilho aparece aos nautas no mar
do luzente fogo que flameja no alto dos montes,
postos de observação, e eles queixosos da ventania
que os conduz para o mar de peixes longe dos amigos,
assim, do escudo de Aquiles o brilho atravessa o éter,
belo trabalho dedáleo; o elmo robusto erguendo encaixa
na cabeça; as quatro cimeiras como estrela coruscavam
no elmo crinado, todo o entorno a cabeleira
dourada, que Hefesto colocara espessa sobre a nuca.
Experimenta-se nas armas o divo Aquiles,
se elas encaixam e se ajustam nos belos membros;
como se provido de asas, alça-se o pastor de povos.
E do estojo retira a lança paterna
pesada, grande, maciça, maneja-la nenhum outro aqueu
consequia, mas apenas Aquiles é capaz;
o freixo pelida a seu pai presenteou o amigo Quíron,
do ponto mais alto do Pélion, aos guerreiros fatal.
Rodeando os cavalos, Automedonte e Álcimo os
atrelam; colocam-lhes belas correias e os freios
encaixam nos maxilares, as rédeas estica para trás,
puxando-as até o carro. O chicote flamejante
nas mãos firmemente prende e alça-se ao carro
Automedonte; logo atrás dele, vai Aquiles,
cingido em armas reluzentes como o sol Hipérion,
ofuscante, os cavalos pátrios exortando.

Comentários¹

a) cnêmides

Os dois primeiros versos das cenas de armamento (com exceção da cena de Pátroclo, que conta com apenas um verso) são o anúncio de que os heróis começarão

¹ Os comentários apresentados aqui representam investigações iniciais acerca do arsenal bélico disponível ao herói homérico a partir da leitura da *Ilíada* e da cultura material disponível na bibliografia selecionada. Seu caráter deve ser entendido como propedêutico

a vestir-se com as armas.² Nos dois versos seguintes, eles vestem o primeiro item do armamento a aparecer na cena: as cnêmides.³ A escolha desse item como o primeiro a ser vestido pelo herói pode residir no fato de ser mais fácil colocá-lo antes de revestir-se com a couraça (Sage, 1996, p.7).

Além de belas, elas apresentam um detalhe em sua composição: algum tipo de mecanismo para a sua fixação às pernas. A expressão em grego ἀργυρέοισιν ἐπισφυρίοις ἀραρυίας (v. 331)⁴ refere-se a uma espécie de mecanismo de ajuste das cnêmides à perna do usuário feito de prata, e foi traduzido tanto por Carlos Alberto Nunes (Ediouro, 1996, 6ª ed.) quanto por Haroldo de Campos (Arx, 2002) como “fivelas”. Na verdade, não há nenhum termo em tais versos que signifique precisamente “fivelas” e o mecanismo de fixação poderia ser composto por algum tipo de correia ou fio que servisse ao mesmo propósito, como apresentam os exemplares encontrados nas escavações de túmulos em Enkomi, na ilha de Chipre, que consistem em chapas elípticas de bronze, de cerca de 1200 a.C. (fig. 1); elas eram flexionadas e amarradas com um fio de bronze ou couro e não medem mais do que 30 cm (Snodgrass, 1967, p.31). Outro exemplar semelhante, mas melhor preservado, foi encontrado no túmulo denominado “Túmulo do Guerreiro” em Kallithea, na Grécia continental, datado do Heládico Tardio IIIC (1190-1130); elas são decoradas com linhas e pequenas protuberâncias circulares e apresentam um tipo de gancho de metal nas extremidades também para amarrar correias ou tiras (fig. 2).



Fig. 1 Fragmentos de cnêmides provenientes de Enkomi, Chipre, datadas de pouco depois de 1200 a.C.

e preparatório para o estudo mais aprofundado que está sendo realizado na dissertação de mestrado que desenvolvo no MAE, sobre as relações entre a *Iliada* e a Arqueologia, a ser defendida entre o final do corrente ano e o início do próximo.

² Como os dois primeiros versos de cada cena se referem a uma introdução, Armstrong (1958, p. 342) se refere a esses versos iniciais como o *leitmotif* do armamento do herói. Os títulos que atribuí a cada uma das quatro cenas, também foram inspirados em um comentário do mesmo autor (Armstrong, 1958, p. 350).

³ A escolha do termo em português privilegiou o cognato ao termo em grego existente no idioma vernáculo, em detrimento de “grevas” ou “perneiras”.

⁴ Todas as referências presentes nos comentários são referências à *Iliada*.

Fig. 2 Par de cnêmides proveniente do Túmulo do Guerreiro, em Kallithea, datadas do Heládico Tardio IIIC. Dimensões: 25,5 cm de altura and 12,6 cm de largura.



Outro tipo de mecanismo de fixação ou proteção ao tornozelo poderia corresponder a um objeto proveniente da Câmara Tumular 15 em Micenas, datado entre 1300 e 1250 a.C (fig. 3), que remete ao uso de um aparato utilizado sobre o tornozelo feito de bronze (e não de prata, como sugere o poeta, pois seria um metal menos apropriado para esse tipo de aparato dada a sua resistência inferior).



Fig. 3 Objeto de bronze, provável tornozeleira, encontrado na Câmara Tumular 15, em Micenas. Entre 1300-1250 a.C.

Se pensarmos a etimologia do termo **ἐπισφυρίοις**, percebemos que ele é composto de duas palavras: **ἐπί** (cujo sentido primeiro é “sobre”) **σφυρόν** cuja aceção mais precisa seria “tornozelo”; essa expressão precisaria o local onde se encontrava tal mecanismo de ajuste das cnêmides, mas não dá indícios se tal mecanismo era uma peça independente das cnêmides ou se ele e as cnêmides formavam uma peça única.

Embora não componham um achado abundante, a maioria das cnêmides que sobreviveu ao tempo é confeccionada em bronze, o que remeteria ao termo **χαλκοκνήμιδες** (VII, 41).⁵

⁵ É interessante notar que no canto XVIII, v. 458, quando Tétis pede a Hefesto que confeccione novas armas para seu filho Aquiles, ela se utiliza da expressão

Além desses e de outros poucos exemplares, há representações de cnêmides nas pinturas parietais de Micenas, Orcômenos, Tirinto e Pilos; e há também representações de guerreiros usando cnêmides em vasos de cerâmica como, por exemplo, no Vaso do Guerreiro (fig. 13).

Apesar de seu uso durante o Período Micênico ser atestado pela cultura material, não há menção de cnêmides nos tabletes em Linear B.

Durante a Idade Obscura (1100-750 a.C.), não há vestígios materiais que atestem o uso de cnêmides (Desborough, 1964, p. 64), embora a sua confecção exclusivamente em material perecível não seja descartada para esse período. Elas reapareceriam, segundo Snodgrass (1967, p. 57), entre os anos 700 e 650 a.C., que representaram uma fase de transição para a constituição do armamento do hoplita.

b) couraça

Embora haja dois termos utilizados por Homero para se referir ao aparato utilizado para proteger a parte superior do corpo do guerreiro (θήραξ e χαλκοχίτων), nas cenas de armamento do herói apenas o primeiro é utilizado. Expressariam eles dois tipos diferentes de aparato? Mesmo sendo poucos, há resquícios materiais que atestam o conhecimento e utilização de uma couraça totalmente em metal durante a Idade do Bronze. A descoberta realizada pela expedição Greco-Sueca, em Dendra, na década de 1950, revelou a primeira armadura de metal que data desse período (fig. 4). Outros achados que corresponderiam a um aparato para a proteção do tórax são placas de bronze encontradas posteriormente em Kallithea (fig. 5) e são interpretadas como reforços para couraças de couro. Seria o primeiro (fig. 4) o correspondente a χαλκοχίτων e o segundo tipo correspondente ao θήραξ? Enquanto o primeiro termo é composto de χάλκον (bronze) e χιτών (que corresponde a “túnica”), o segundo é simplesmente uma referência à parte do corpo que corresponde ao tórax, o que corroboraria essa leitura, mas nada pode ser afirmado com certeza.

καλὰς κνημίδας ἐπισφυρίοις ἀραρνίας (belas cnêmides com ajustes sobre os tornozelos), mas aqui o termo ἄργυρέοισιν (de prata) não aparece. Ao fim do mesmo canto (v. 613), Hefesto as confecciona, mas elas são, nas palavras do poeta, κνημίδαξ ἔαινοῦ κασσιτέριοιο (cnêmides de luzente estanho).



Fig. 4 Armadura de bronze proveniente do Túmulo do Guerreiro em Dendra, datado do fim do século XV a.C.



Fig. 5 Cinco placas redondas de bronze datadas de aproximadamente 1500 a.C. encontradas em Archalochori, Creta. O tamanho da maior delas é de 15 cm em diâmetro, 10 cm para a média e 5-6 cm para as três menores. Pequenos buracos visíveis em suas bordas eram provavelmente utilizados para sua fixação a uma couraça de material perecível.

Em Knossos e Pilos foram encontrados tabletes em Linear B que são inventários de peças de armamento onde há referência a couraças. Embora o material não seja especificado nos tabletes, há um tablete de Pilos que cita o linho e outro que se refere a 30 placas, 20 grandes e 10 pequenas (Chadwick, 1995, p. 111).

Durante a Idade Obscura, que segue o período Micênico, praticamente não há registros de armadura ou coraça de bronze, o que não significa que não tivessem sido confeccionadas em outro material que fosse perecível ou que fossem destruídas para que o metal fosse reutilizado (Snodgrass, 1967, p. 41). Depois dos achados micênicos, as couraças em bronze só vão reaparecer no final do século VIII no formato denominado pelos arqueólogos de “bell-shaped” ou em forma de sino (fig. 6).

Os versos 19-28 da cena de Agamêmnon são de difícil compreensão até mesmo para os comentadores de Homero. Seria sua couraça de um tipo diferente mesmo o poeta tendo se utilizado do mesmo termo? O poeta, além de particularizá-la com uma descrição relativamente detalhada de sua ornamentação, chama a atenção para o status de presente ofertado a Agmêmnon pelo governante de Chipre, em apoio ao empreendimento contra Tróia. A couraça apresenta dez listras de μέλανος κύανιο, geralmente interpretado como um esmalte azul escuro que lembraria o revestimento parecido com aquele que se dá nas peças em ágata; mas

também pode ser o termo empregado para a pedra lápis-lazúli, freqüentemente empregada em objetos no Egito. O mesmo **κυάωιο** foi também empregado na confecção das serpentes que se contorciam e decoravam a couraça. Infelizmente, não há como saber ao certo qual era o material exato referido por **κυάωιο**, pois em nenhuma das couraças foram encontrados vestígios de decoração desse tipo.



Fig. 6 Couraça de bronze em forma de sino encontrada em Argos, datada de cerca de 725 a.C.

Como se pode perceber, a couraça é sempre particularizada nas cenas de armamento; a de Páris era de seu irmão, a de Agamêmnon era ricamente decorada, e a de Pátroclo (lembrando que Pátroclo veste as armas de Aquiles) é **ποικίλον ἄστερόεντα**; essa adjetivação pode ser entendida de duas maneiras: a couraça seria multicolorida e brilhava como estrelas ou que ela apresentava um elemento decorativo em forma de uma estrela colorida.

c) gládio

Apesar de haver três termos em Homero que significam “espada” (**φάσγανον**, **ξίφος** e **ἄορ**), nas quatro cenas de armamento o termo utilizado é sempre **ξίφος**. A escolha do termo “gládio” em português, em detrimento de “espada”, se deve à referência que o termo **ξίφος** também faz a uma planta de nome latino “gladiolus” cujo formato das folhas remete ao objeto espada. Como aparentemente os três termos são usados indistintamente como sinônimos em Homero, optei por manter o termo cognato ao latino em português, sem prejuízo de sentido.

Na cena de Páris (III, 334-5), o **ξίφος** apresenta cravos de prata, como o exemplar da **figura 7** (exemplar superior), que Karo (apud Sandars, 1961, p.17)

classificou como tipo A. Essas espadas são bastante longas, chegando a ultrapassar 1m de comprimento, e são de origem minóica. Elas apresentam uma fraqueza no cabo, pois a espiga é freqüentemente encontrada partida e provavelmente deixava o guerreiro desarmado apenas com o cabo na mão (as passagens da *Iliada* III, 360-370 e canto XVI, 338-9 fazem uma menção bastante interessante à quebra das espadas durante a batalha). As do tipo B (fig. 7, exemplar inferior) são mais curtas e robustas, não ultrapassando muito 60cm; apresentam a espiga com flanges, o que as torna menos vulneráveis, mas não impede a quebra, cuja causa principal agora é a grande dimensão dos buracos dos rebites que servem para a fixação da lâmina ao cabo. Algumas espadas do tipo A apresentam uma empunhadura em forma de chifre (fig. 8), o que protegeria a mão do guerreiro em caso de quebra durante uma luta; os flanges das espadas do tipo B também deveriam servir ao mesmo propósito. Esses dois tipos de espada são destinados à perfuração, não sendo utilizadas para o corte, portanto não poderiam ser relacionadas às espadas em Homero que freqüentemente são utilizadas com tal finalidade.

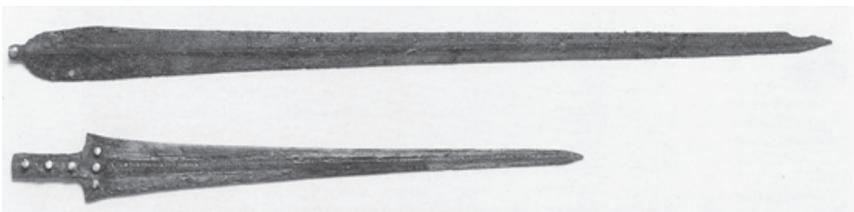


Fig. 7 Exemplar superior Espada do tipo A, de invenção minóica. **Exemplar inferior** Espada do tipo B de criação micênica. Ambas as lâminas são de bronze; o exemplar do tipo A apresenta um cravo em prata e o exemplar do tipo B apresenta cravos em ouro. Segunda metade do século XVI a.C. Museu Arqueológico Nacional de Atenas. Foto Y. Fafalis.

Fig. 8 Esquerda Fragmento de espada do tipo A com empunhadura de ouro em chifre. **Direita** Faixa em ouro. Século XVI a.C. Museu Arqueológico Nacional de Atenas.



A espada que servia tanto à perfuração quanto ao corte só aparece por volta de 1200 a.C; sua lâmina é mais larga e a nervura central menos pronunciada (Lorimer, p. 264 e ss.).

Na ala doméstica do palácio de Knossos foram encontrados vinte e dois tabletes em Linear B que apresentam o ideograma para “espada” (fig. 9). Como o ideograma é um tanto esquemático há dúvidas se eles representam espadas ou se representam adagas. O grupo de sinais encontrados ao lado desses ideogramas tem sido interpretado pelos decifreadores como uma forma da palavra “phasgana” (Chadwick, 1995, 2ª ed., p. 111).

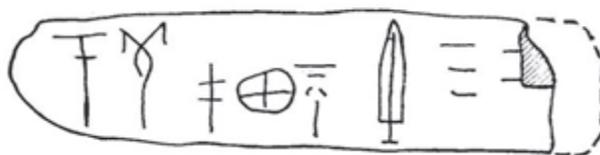


Fig. 9 Tablete em Linear B mostrando o ideograma para a espada.

Antes mesmo do fim da Idade do Bronze (por volta de 1100 a.C.), as espadas passaram a ser fabricadas em ferro (Snodgrass, 1967, pp. 28-9) e assim seguem durante o período Proto-geométrico (meio do XI até fim do X) (Snodgrass, 1967, pp. 36-37). Algumas delas são bastante longas e eram muito grandes para serem enterradas junto com seus donos, pois os mortos eram cremados nesse período; eventualmente elas eram dobradas na forma de U para que pudessem ser enterradas com seus proprietários.

Durante o Período Geométrico (séculos IX e VIII) a espada se torna curta e extremamente robusta. O pomo era de madeira de forma semi-lunar, como aqueles freqüentemente representados na cerâmica geométrica do séc. VIII.⁶

A espada de Agamêmnon, diferentemente da espada dos outros três heróis, apresenta cravos de ouro, e não de prata (fig. 7, exemplar inferior) elemento particularizador do gládio do chefe dos Aqueus. A sua bainha (κούλεον) apresenta contornos em prata e dentre as cenas de armamento a única referência a ela é na cena de Agamêmnon. Embora não haja referência ao *τελαμῶν*, outra palavra é utilizada (*ἄορτήρεςσιν*) para se referir a algum tipo de faixa em ouro

⁶ Por motivos do limitado espaço disponível para a publicação, para a cerâmica do Geométrico relacionada à épica homérica, indico a leitura de Snodgrass, 2004.

(*χρυσέοισιν*) que penderia dos ombros transversalmente (**fig. 8**, à direita) onde havia uma bainha anexada para a colocação da espada.

d) escudo

Como para as espadas, três são os termos utilizados em grego para o escudo: *σάκος*, *ἀσπίς* e *ῥινός*. Nas cenas de armamento de Páris, Pátroclo e Aquiles o termo utilizado para o escudo é o *σάκος* que é grande (*μέγα*) e maciço (*στιβαρόν*). Diferentemente, o termo utilizado para o escudo de Agamêmnon é *ἀσπίς*. E, como para a couraça, o poeta lhe dedica uma descrição bastante particularizante. Além de cobrir todo o seu corpo, ele era contornado por anéis de bronze cujo interior apresentava vinte protuberâncias circulares (*ὀμφαλοί*) em *κασσιτέριοι λευκοί*, que pode ser compreendido como estanho de cor mais clara ou, ainda, a uma liga feita de prata e chumbo utilizada para fazer couraças e escudos; o adjetivo *λευκοί* pode também se referir simplesmente ao brilho do metal. Ainda havia no centro novamente o *μέλανος κύωνιο* que também fora utilizado na confecção da couraça cipriota. A Górgona estava presente no escudo e era envolta em *Δεῖμος ε Φόβος*.⁷ O escudo apresenta uma alça (*τελαμῶν*) de prata sobre a qual enrolava-se uma serpente de três cabeças feita de *κύανος*. Este trecho descreve um objeto um tanto difícil de ser imaginado. Infelizmente, nenhum objeto foi ainda revelado pela cultura material que remetesse a uma alça tão elaborada quanto a descrita no armamento de Agamêmnon, mas a faixa em ouro da figura 8 (canto inferior à direita) pode também remeter a esse dispositivo.

Embora o escudo de Aquiles não receba nenhuma descrição pormenorizada como o de Agamêmnon, ele é seguido de um símile acerca de seu brilho e é adjetivado com o termo “dedáleo”, o que o caracteriza como um objeto de fino labor.

A cultura material registra três tipos de escudo basicamente: um em torre, que seria retangular; outro circular e outro em forma de oito. A existência desses três tipos de escudos é atestada pela cultura material na forma de representações e de achados propriamente que remetem a algum aparato anexado a ele; não há nenhum exemplar de escudo que tenha sobrevivido, e a partir disso, se supõe que eles fossem feitos em material perecível, muito provavelmente madeira.

⁷ Pavor e Temor foram os termos propostos por JAA Torrano na sua tradução da *Teogonia* de Hesíodo (3 ed. São Paulo: Iluminuras, 1995).

Dentre outros achados, a Adaga da Caça ao Leão (fig. 10), proveniente do Túmulo em Poço IV, no interior do Círculo Tumular A, em Micenas, apresenta dois tipos de escudo em sua decoração, o escudo em torre e o escudo em oito; já, no Vaso do Guerreiro, o escudo que se vê representado é de formato um pouco diferente: redondo em sua maior parte havendo um recorte na sua parte inferior.



Fig. 10 Detalhe de adaga de bronze com incrustações de ouro e prata, mostrando o escudo em oito e o escudo em torre. Proveniente do Círculo Tumular A em Micenas. XVI-XV a.C. Museu Nacional Arqueológico de Atenas.

Durante a Idade Obscura, placas circulares em bronze foram encontradas e relacionadas ao escudo e as cenas de Prótesis em vasos do Dípilon acabaram dando o nome ao tipo de escudo no formato de ampulhetas representado nesses vasos como Escudo do Dípilon (cf. Snodgrass, 2004).

Infelizmente, não há elementos suficientes que possibilitem atribuir aos tipos existentes de escudos os seus termos correspondentes.

e) elmo

Em três (Páris, Agamêmnon e Pátroclo) das quatro cenas de armamento o elmo é referido como *kune/hn*, cujo sentido primeiro é pele de cão, depois um capacete feito de qualquer tipo de pele, e por fim, um elmo. Talvez a proteção para cabeça fosse confeccionada primordialmente a partir de peles de animais e, quando passou a ser feita em metal, o termo foi mantido. O termo *ἵππουριον* está presente

nas quatro cenas e a tradução proposta para ele foi “crinado”. Os mesmos versos são empregados para o armamento de Páris e Pátroclo, mas os versos das cenas de Agmêmnon e de Aquiles, que se referem ao elmo, são um pouco diferentes. O elmo de Agamêmnon também é bastante particular: ele não é apenas crinado, é também provido de duas cimeiras (ἀμφίφαλον), talvez uma de cada lado, e de quatro cristas (τετραφόληρον). O elmo de Aquiles é o único que não é referido como κυνέη, e sim como τρυφόμεια que seria um elmo com quatro cimeiras, mas nada é dito sobre o material de que é feito.

O elmo em dentes de javali, disposto juntamente com a armadura de Dendra (fig. 4), não é o tipo referido nas quatro cenas, embora ele seja citado e descrito na *Iliada* (X, 260-265). Um outro elmo inteiramente em bronze encontrado em Cnossos data do fim do Período Micênico e, novamente, o Vaso dos Guerreiros mostra, tanto em sua face A quanto em sua face B, diferentes tipos de elmos (fig. 11). Na face A, o elmo lembra o descrito por Homero nas cenas de armamento, com penacho e cimeira. O elmo da face B é mais difícil de estar relacionado com a descrição homérica, mas é um interessante contraponto.



Fig. 11 Detalhes do Vaso do Guerreiro. As duas primeiras figuras estão presentes na face A do vaso e a última na face B.

Pouco se sabe sobre os elmos do período Proto-Geométrico. Um elmo em bronze proveniente de Argos (cf. Courbin, 1968, pl. 5, fig. 4) é um dos poucos exemplares conhecidos datados do final do período subsequente, o Geométrico. Na ausência de exemplares, as representações em vasos desse mesmo período insinuam um elmo provido de algum tipo de pluma ou crina (cf. Snodgrass, 2004).

f) lança vs. dardo

As lanças em Homero são expressas por dois termos: **δοῦρι** ou **δορύ** que são variações do mesmo termo (Agamêmnon, XI, 43; Pátroclo XVI, 139), ou, ainda, como **ἔγχος** (Páris III, 338; Pátroclo XVI, 140; Aquiles, XIX, 387), mas a diferença entre eles é difícil de precisar. Tomando-se apenas as cenas de armamento, Páris e Aquiles utilizam-se do **ἔγχος** no singular, o que denota apenas uma lança; e no caso de Aquiles, bastante robusta. No armamento de Pátroclo, ele deixa de usar o **ἔγχος** de Aquiles, pois somente este era capaz de manejá-lo, para usar **δοῦρε** no plural, o que denotaria o uso de, no mínimo e certamente, duas lanças; e, no caso, menos robustas que o **ἔγχος** de Aquiles. Agamêmnon também se utiliza de **δοῦρε** e a mesma fórmula é utilizada para ele e para Pátroclo (fig. 12).



Fig. 12 Estela funerária (restaurada) com uma figura humana em um carro segurando uma lança, perseguindo outra figura humana segurando uma espada. Círculo Tumular A em Micenas. Museu Arqueológico Nacional de Atenas.

Também como as primeiras espadas, as lanças são armas de perfuração e, nas cenas de armamento são armas de combate corpo a corpo, não de arremesso. As lanças encontradas apresentam uma nervura longitudinal como as espadas; nas extremidades inferiores são dotadas de um talão para a fixação no freixo de madeira que, obviamente por seu caráter perecível, não sobreviveram ao tempo. Uma boa idéia de seu comprimento é fornecida pela representação no Vaso dos Guerreiros (fig. 13).

Fig. 13 Vaso dos Guerreiros, Face A. Cerca de 1200 a.C. Museu Arqueológico Nacional de Atenas.



A substituição do bronze pelo ferro para a fabricação das pontas se dá posteriormente à substituição pelo mesmo material nas espadas (séc. XI a.C.). Só no fim do período Proto-geométrico e no início do Geométrico é que a lança de arremesso aparece. Alguns vasos do final do Geométrico (segunda metade do séc. VIII a.C.) mostram duas, até mesmo três, lanças por guerreiro (cf. Snodgrass, 2004).

A partir das fontes materiais e do uso de ἔγχος e δοῦρε em Homero, seria possível identificar o primeiro com a lança de combate próximo e o segundo com as lanças de arremesso? Para responder a essa pergunta, seria necessário um estudo de todas as ocorrências de ambos os termos que não se restringisse às cenas de armamento, mas que abrangesse toda a *Ilíada*.

g) carro

Embora apenas na cena de Páris o carro não seja mencionado, nenhuma descrição dele é feita nas outras três cenas. A existência do carro durante época Micênica é atestada pelas representações em suportes diversos, por exemplo, a estela funerária da **figura 12**. Durante o Período Proto-geométrico, existe pouca documentação arqueológica relativa ao carro; ela volta a aparecer durante o Geométrico, principalmente nas representações em vasos de cerâmica (cf. Snodgrass, 2004).

Considerações finais

Gostaria de terminar evocando a imagem da grande “colcha de retalhos” à qual se evoca amiúde para se referir à obra homérica. Ela se faz muito pertinente quando se trata da mistura de elementos de épocas diferentes numa mesma trama

poética. Homero juntou esses retalhos e os costurou com tal primazia, que somente com o surgimento da Arqueologia é que pudemos diferenciar um pouco dos seus elementos constitutivos no tocante a essas épocas. Desejo destacar que o que a Arqueologia busca não é desmanchá-la atirando seus elementos ao léu, mas perceber onde estão os remendos tão bem cosidos pelo poeta e ressaltar sua característica “dedálea”, que certamente a audiência de Homero podia reconhecer, assim tentando aproximar o leitor moderno dessa audiência original.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARMSTRONG, J. I. The arming motif in the *Iliad*. *The American Journal of Philology*. Baltimore, Maryland, v. 79, n. 4, p. 337-354, 1958.
- CHADWICK, J. *The Decipherment of Linear B*. 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- COURBIN, P. La guerre em Grèce à haute époque. In: VERNANT, J.-P. (ed.). *Problèmes de la guerre en Grèce ancienne*. Paris / La Haye: Mouton, p. 69-91, 1968.
- DARCQUE, P. (ed.). *Les mycéniens, habitat et territoire à la fin du II^e millénaire AV. J.-C.*. Dijon: Éditions Faton, 1994.
- DESBOROUGH, V. R. *The Last Mycenaean and their successors: c. 1200-1000 b.C.* Oxford: Oxford University Press, 1964.
- FORTENBERRY, D. Single Greaves in the Late Helladic Period, in *American Journal of Archaeology*, Vol. 95, No. 4. (Oct., 1991), p. 623-627.
- LORIMER, H. L. *Homer and the Monuments*. Macmillan & Co.LTD, London, 1950.
- SAGE, M. M. *Warfare in Ancient Greece: a Sourcebook*. Routledge, London and New York, 1996.
- SANDARS, N. K. The First Aegean Swords and Their Ancestry, in *American Journal of Archaeology*. Baltimore, Maryland, v. 65, n. 1, p. 17-29, jan. 1961.
- _____. Later Aegean Bronze Swords, in *American Journal of Archaeology*, Vol. 67, No. 2, (Apr., 1963), p. 117-153.
- SNODGRASS, A. *Early Greek Armour and Weapons*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1964.
- _____. *Arms and Armour of the Greeks*. London and Southampton: Thames and Hudson, 1967.

_____. *Homero e os Artistas*. Tradução de L. A. M. Cabral e O. J. T. Serra. São Paulo
Odysseus: 2004.

WEES, H. van. *Greek Warfare: Myths and realities*. London: Duckworth, 2004.

AGRADECIMENTOS

A autora agradece à Profa. Dra. Haiganuch Sarian, orientadora da dissertação de mestrado de que este trabalho faz parte, a permissão para publicá-lo; aos amigos e colegas Luciano Ferreira de Souza e Uiran Gebara da Silva, as leituras cuidadosas e sugestões preciosas.